

SECÇÃO II

ESTUDOS SOBRE

REPRESENTAÇÕES DE GÉNERO E DOR

RESUMO

Se na secção anterior foi argumentado o papel central que os conteúdos das representações sobre género e dor possuem no entendimento dos “porquês” das iniquidades de sexo nos julgamentos sobre a dor, nesta secção são apresentados dois estudos empíricos que visam explorar os conteúdos dessas mesmas representações.

No *capítulo 3* é apresentado um estudo qualitativo (*estudo 1*) que visou a construção de uma teoria enraizada sobre a contextualidade das expectativas de papel de género de leigo/as e enfermeiro/as sobre a forma como homens e mulheres lidam com a dor. Neste estudo foram realizados dois grupos focais com leigo/as e dois com enfermeiro/as, centrados sobre a questão das diferenças e semelhanças na forma como homens e mulheres lidam com as suas dores, cujos conteúdos foram analisados através da metodologia da *grounded-theory*. De uma forma geral, o modelo teórico enraizado permitiu conceptualizar a variabilidade dos conteúdos de tais expectativas de papel de género. *(Re)agir com estoicismo face à própria dor* constituiu o conceito nuclear do modelo, representado por uma dimensão unipolar. Num dos pólos, as *(re)acções com estoicismo*, claramente mais valorizadas e associadas aos ideais da masculinidade hegemónica (Connell, 1987, 1995), constituem acções de suportar a dor, tais como, a ausência de manifestações de dor, de procura de apoio social, de dor emocional associada ou a persistência em actividades. No pólo oposto, encontram-se as *(re)acções sem estoicismo* que, embora mais associadas ao alívio da dor são menos valorizadas. Verifica-se que, tanto leigo/as como enfermeiro/as, esperam que homens e mulheres oscilem em tal dimensão, apresentando *(re)acções* mais ou menos estóicas face à própria dor em função de uma série de circunstâncias. Assim, o modelo teórico enraizado identifica factores contextuais, explicativos e posicionais (relativos à posição que o/a entrevistado/a ocupa no contexto dos grupos focais) que permitem entender e, em última instância, prever quando,

quem e porque é que se esperam diferenças ou semelhanças na forma como homens e mulheres (re)agem com estoicismo face à própria dor.

Sendo a *duração da dor* um dos factores moderadores das expectativas de papel de género identificado neste estudo, no **capítulo 4** é apresentado o *estudo 2* que visou entender como os conteúdos das representações sobre masculinidade e feminilidade de indivíduos que padecem de dores crónicas lombares se diferenciam das representações sobre masculinidade e feminilidade de homens e mulheres típicos. Participaram neste estudo 161 enfermeiro/as e 316 leigo/as, à/os quais foi apresentada uma lista de traços de personalidade, consistentemente utilizados por amostras da população portuguesa (Amâncio, 1993a, 1994) para descrever o homem e mulher típicos. Através desta lista, foi-lhes pedido para avaliarem ou a imagem que as pessoas em geral possuem do homem/mulher típicos ou a imagem que possuem de um homem/mulher com lombalgia crónica, tal como apresentado num cenário escrito. O estudo possuiu um plano quase-experimental inter-sujeitos do tipo 2 (sexo da personagem) x 2 (tipo de personagem: típica vs. com dor crónica) x 2 (sexo do/a participante) x 2 (formação em cuidados de enfermagem: leigo/as vs. enfermeiro/as). Em geral, os resultados mostram como a presença de uma condição de dor crónica lombar contribui para a alteração dos conteúdos das representações sobre a masculinidade e feminilidade de homens e mulheres, comparativamente com tais representações sobre o homem e mulher típicos, contribuindo para uma aproximação e atenuação de diferenças entre as imagens dos primeiros.

Em suma, os resultados de ambos os estudos salientam a contextualidade dos conteúdos, quer prescritivos quer descritivos, das representações sobre género e dor de leigo/as e enfermeiro/as, sugerindo que diversas variáveis relativas à situação, à pessoa com dor e à/o observador/a podem contribuir significativamente para a sua maleabilidade e variabilidade. Tal contextualidade poderá, em parte, permitir entender os “porquês” da contextualidade das iniquidades de sexo nos julgamentos sobre a dor de outro/as.